

## 3

**Como explicar àquele colono um regresso adiado?** <sup>34</sup>

Manuel Rui, em entrevista concedida a Michel Laban<sup>35</sup>, declarou que, ao escrever *Regresso Adiado*, livro de contos publicado em 1974, preocupou-se em denunciar o sistema colonial implantado em Angola. Por outro lado, ao escrever este livro, preocupou-se também com o público-alvo. *Regresso Adiado* não era dirigido apenas aos angolanos. Para o autor, este livro era para ser lido principalmente pelos portugueses.

Manuel Rui queria registrar nesses contos a “bifacialidade do colono, que quando está em Portugal, diz que é de África; quando está em África, diz que é de Portugal!”. <sup>36</sup> Para o escritor, “os níveis de alienação também se concretizam no próprio colonizador – e, por vezes, de maneira mais aguda e mais dramática...”.<sup>37</sup> Esta alienação diz respeito à falta de consciência do espaço social ocupado pelos colonos e pelos colonizados e vem à tona tanto no espaço português como no espaço angolano.

Na colônia, as zonas urbanas ou semi-urbanas de Benguela, Luanda e Chinguar são os ambientes escolhidos por Manuel Rui como cenário de suas narrativas, pois estes espaços se desenvolveram sob a influência de diferentes culturas. Nessas regiões, negros e mestiços se movimentam num círculo que também é o dos brancos. Esse fato suscita contradições que serão indicadas por meio da ironia nos contos de *Regresso Adiado*.

Nesse contexto, o autor utilizará esse recurso narrativo para evidenciar os sentimentos denunciadores de mestiçagem, encarando os fatos e as incidências sociais, levando em consideração o “universo tenso que atingiu um ponto crítico no desajustamento das relações que se entretecem entre negros, mulatos e brancos”. <sup>38</sup>

<sup>34</sup> RUI, Manuel. “O churrasco”. In: ---. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p 149.

<sup>35</sup> Id.. In: LABAN, Michel. “Encontro com Manuel Rui. (Luanda, 23/4/1988)”. *Angola: Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida. II Volume. p. 709-738.

<sup>36</sup> Ibid., p. 720.

<sup>37</sup> Ibid.

<sup>38</sup> FERREIRA, Manuel, op. cit., p. 15.

Manuel Rui revela ainda, em entrevista a Michel Laban<sup>39</sup>, que sua visão da relação colonizador-colonizado faz-se, por vezes, num tom sarcástico, num riso triste, recursos que se configuram com uma maneira eficaz de tratar a relação “violentador-violentado”. Para ele, ridicularizar o “violentador” causa um efeito muito mais significativo: “A pior coisa que se pode fazer ao violentador não é dar-lhe dois murros ou duas chapadas, mas ridicularizá-lo... Parece-me a mim que é mais importante...”.<sup>40</sup>

Essa tentativa de ridicularizar o colonizador e denunciar a alienação, tanto do colonizador como do colonizado, é construída por Manuel Rui através da ironia. Esse estilo também possibilita a representação do clima anterior à independência, que, segundo o autor, era “uma espécie de caos organizado”<sup>41</sup>. Como declara Rita Chaves, o escritor encontra-se “inserido entre os cantos de uma sociedade tão dividida [que] acaba por se transformar num ser cortado por contradições” e sua obra será a maior expressão desse aspecto.<sup>42</sup>

Nos capítulos a seguir analisaremos como Manuel Rui utiliza em sua obra o recurso da ironia ao ficcionalizar situações cotidianas vivenciadas por seus personagens, com a função de problematizar um período conturbado da história angolana, examinando as formas escolhidas pelo escritor para fazer o leitor refletir sobre as contradições presentes na sociedade, bem como seu posicionamento intelectual como observador crítico do período anterior à independência.

---

<sup>39</sup> RUI, Manuel. In: LABAN, Michel. loc. cit.

<sup>40</sup> Ibid., p. 720.

<sup>41</sup> Ibid.

<sup>42</sup> CHAVES, Rita. op. cit., p.49.